

1. Introdução

Rio de Janeiro, agosto de 2005. Eram 16h40 e eu me encontrava em uma rua do bairro de Ipanema, aguardando o momento de fazer mais uma entrevista para a pesquisa de mestrado. O horário agendado era cinco da tarde. Recomendam os manuais de pesquisa a pontualidade com seu depoente, eu pensava sobre isso naquele momento. Que fazer? Surpreender a entrevistada ou aguardar o horário combinado? Preferi interfonar para seu apartamento pontualmente às cinco da tarde, conforme combinado e caminhar pelo quarteirão nos minutos que me restavam. Uma banca de jornal na esquina, uma possibilidade de passatempo. Também dizem os manuais de pesquisa, sobretudo pesquisa qualitativa, que devemos estar atentos a todos os acontecimentos a nossa volta enquanto pesquisamos, e que nossos olhos, ouvidos, tato, olfato e inteligência devem estar a serviço da investigação do nosso objeto. Mills já disse que:

“(...) quando estamos no assunto, ele é encontrado por toda parte. Tornamo-nos sensíveis aos seus temas, vemos e ouvimos referências a eles em toda a nossa experiência, especialmente, acredito, em áreas aparentemente não-correlatas. Até mesmo os meios de comunicação em massa, em particular os maus filmes e os romances baratos, as revistas de fotonovelas e os programas noturnos de rádio, adquirem nova importância para nós.” (MILLS, 1965, p.227).

Eu não pensava exatamente nisso. Naquele momento, eu lia manchetes de jornais e revistas em exposição, assim como qualquer outra pessoa interessada em saber os principais acontecimentos noticiados e depois comentá-los despretensiosamente com amigos, colegas e familiares. Entre as manchetes, uma em destaque em um jornal popular, me causou espanto: “PROFESSOR É ASSASSINADO DENTRO DO COLÉGIO. Encapuzados invadem escola pública em Bangu e matam sargento da PM que dava aula de História”. Imediatamente comprei o

jornal para ler a matéria que dizia que a polícia trabalhava com a hipótese do crime ter sido praticado por um aluno, por vingança. O sargento não pertencia ao quadro efetivo de professores da rede estadual, havia sido contratado em regime temporário, sem concurso, no início desse ano. A matéria ainda acrescentava que em março de 2005, uma escola estadual de Bonsucesso havia sido invadida e trinta estudantes assaltados. O destaque dado ao acontecimento na primeira página do jornal não correspondia ao tratamento dado ao caso na matéria, curta e sucinta. Enfim, subo ao apartamento da minha depoente e encontro uma enorme televisão em sua sala, transmitindo ao vivo uma sessão da Comissão Parlamentar de Inquérito, que interrogava um deputado federal sobre a origem dos recursos de sua campanha.

Uma enorme quantidade de informações transmitidas pelos meios de comunicação se espalha sobre a sociedade brasileira atual. Entre elas, as dedicadas à educação trazem muitas vezes um retrato caótico da escola pública e uma secundarização da profissão de professor. Vejamos outros exemplos:

“A cada mês cerca de 500 professores deixam a rede pública em busca de melhor emprego e salário (...) No primeiro semestre 1.340 professores estaduais pediram aposentadoria e demissão em idade considerada produtiva. No município o número é mais preocupante: 1.680 desistiram de dar aula para crianças e adolescentes, abandonando a profissão” (Jornal do Brasil, 09/07/1992 apud Ferreira, 2002, p.23)

“De acordo com o Sindicato Estadual de Profissionais do Ensino (SEPE), há, só na rede pública, uma defasagem de aproximadamente 1.600 professores nas duas disciplinas [Física e Química]. Sem interesse pelo magistério, docentes e estudantes acabam seguindo outras trilhas no mercado de trabalho: ‘Tenho certeza que a minha vocação é dar aulas. É o que eu gosto de fazer. Mas hoje, com os salários e as condições que o mercado oferece, sei que é inviável – comenta Ricardo Rangel, de 33 anos, que fez licenciatura em Química, mas hoje é funcionário da Receita Federal. (O Globo, 03/02/2002, apud Ferreira, 2003)

Como os professores se sentem diante dessa situação? Nessa pesquisa, pretendo analisar a percepção de duas gerações de professores de História (a década de 70 e os tempos atuais) sobre sua atividade profissional, identificando fatores culturais e políticos mais influentes em sua socialização profissional.

Há aspectos da profissão de professor que se modificaram na história recente do Brasil? Que fatores influenciam a socialização profissional do professor de história? Que aspectos da formação inicial se modificaram? Que elementos influenciam a escolha pela profissão de professor de História?

O interesse pela investigação sobre a profissão de professor se evidenciou ainda na graduação em História na Universidade Federal Fluminense, onde tive oportunidade de participar de pesquisas e grupos de discussão que focalizavam o papel do professor frente aos desafios educacionais no Brasil contemporâneo. O primeiro projeto no qual me engajei como bolsista de iniciação científica foi uma pesquisa intitulada *Educação, saúde e transformação: o papel do professor frente aos atuais desafios curriculares na escola pública*, coordenada pela professora da Faculdade de Educação da UFF Maria Lúcia Cunha Lopes de Oliveira. Pouco a pouco, minha atenção se voltava especificamente para a prática pedagógica cotidiana do professor, eu buscava histórias de resistência protagonizadas por professores da rede pública diante das dificuldades e desafios colocados pelo trabalho no contexto escolar.

Depois de estar nesta pesquisa por dois anos, comecei a participar de um grupo de extensão composto por professores e alunos de História da UFF e professores de história da rede pública de ensino. O projeto de extensão, coordenado pela professora Magali Engels, *Oficina de Ensino de História* tinha como objetivo a criação de espaços de diálogo que promovessem o intercâmbio de concepções e práticas sobre o ensino da História entre os professores dos segmentos fundamental, médio e superior e os alunos de graduação. Considerando a valorização da pesquisa em detrimento do ensino e, conseqüentemente, a secundarização de procedimentos e estratégias especificamente voltados para a formação de profissionais do ensino no curso de graduação em história da UFF, bem como o crescente distanciamento entre os professores da referida área que atuam no ensino fundamental e médio e a universidade, o projeto de extensão se propunha a contribuir para superar este isolamento mútuo, através da construção de oficinas com

professores do superior, médio e fundamental e alunos da graduação e da rede pública.

Quando ingressei no mestrado na PUC-Rio, tinha a intenção de formular um problema de pesquisa que tratasse da “profissão professor” dentro de contextos históricos específicos. A expressão *socialização profissional de professores* pareceu bastante promissora para minhas intenções de estudo. Soava como um caminho que possibilitaria a compreensão das características intrínsecas ao trabalho do professor, assim como das trajetórias que percorrem até serem considerados professores. A disciplina *O professor, sua profissão, seu saber, sua pesquisa*, ministrada pela professora Menga Lüdke na primeira metade do ano de 2004 foi fundamental para a discussão sobre profissão, socialização profissional e identidade profissional. Estas discussões contribuíram sensivelmente para minha familiarização com o tema da profissionalização do professor. Foram trabalhados aspectos relativos à própria noção de profissão, desde a formulação produzida a partir do funcionalismo e estruturalismo, passando pela contribuição dos interacionistas simbólicos e, mais tarde, pela contribuição dos estudiosos sintonizados com a problemática do poder. Foram debatidos, também, textos que tratam do problema da identidade (social e profissional) sob perspectiva sociológica e da questão do saber docente.

A partir deste curso, e a partir da constatação genérica de que a profissão docente passa atualmente por um processo complexo de desprestígio e desvalorização, interessei-me em investigar quais aspectos da profissão de professor se modificaram na história recente do Brasil. Elegi a questão da socialização profissional porque, além de ser pouco explorada pela sociologia da educação, pode possibilitar pensar a formação e a iniciação profissional do professor em suas dimensões coletivas, nas relações que se estabelecem entre o contexto social e a trajetória individual.

O estudo foi realizado a partir das falas de professores de História que começaram na profissão na década de 70 e dos que começaram nos tempos atuais. A pesquisa buscou compreender como certas mudanças da História foram vividas pelos professores na sala de aula e na escola.

Estudando o trabalho docente no tempo, tentamos incorporar ao estudo as mudanças, inovações, abalos de certezas e aberturas de novas possibilidades, buscando situar historicamente os depoimentos dos professores de história, suas propostas e pontos de vista. Lessard e Tardif (2003) já afirmaram a importância de dar a oportunidade aos professores de exprimir seu trabalho, suas condições e contextos e, de maneira mais ampla, suas próprias vidas. Assim, entre as maneiras existentes de se investigar a educação, entre as fontes possíveis e vozes a serem consideradas, o discurso do professor destaca-se, na medida em que são eles os protagonistas da situação, mesmo considerando que a educação não depende exclusivamente do trabalho do professor.